

VARIAÇÃO DE TIMBRE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM UM CONTEXTO AMAZÔNICO: APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE A PRÁTICA LINGUAGEM DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS

*TIMBRE VARIATION OF PRETONIC MIDDLE VOWELS IN AN AMAZON CONTEXT:
ANALYTICAL APPROACHES TO THE LANGUAGE PRACTICE OF WORKERS*

Doriedson do Socorro Rodrigues - UFPA¹

RESUMO

A partir das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ do português falado no município de Cametá, Pará, analisamos a variação de timbre, aberto e fechado, em correlação com a flexão de gênero, indagando como fatores linguísticos e sociais atuam na configuração dessa variação. Seguimos os pressupostos teóricos da sociolinguística laboviana. Dados de fala de 36 entrevistados(as) foram tratados pelo Programa estatístico VARBRUL, Varb2000. Alves (1999), Alves (2008), Câmara Jr. (1999), Battisti e Vieira (2005), Lima e Azevedo (2013), Callou e Leite (1999), dentre outros, constituem revisão teórica. Observamos maior probabilidade do timbre fechado, favorecido por falantes femininos, faixa etária de 46 anos em diante, escolaridade com ensino fundamental, mas com possível neutralidade quanto à atuação do fator procedência. Linguisticamente, o timbre fechado tem maior probabilidade de ocorrer em palavras com o gênero marcado pela presença do morfema –a ou sua ausência, em desproveito de gênero marcado por outras estratégias linguísticas.

Palavras-chave: Flexão de gênero. Médias Pretônicas. Variação de timbre.

ABSTRACT: Using the pretonic mid-vowels /e/ and /o/ of Portuguese spoken in the city of Cametá, Pará, we analyzed the timbre variation, open and closed, in correlation with gender inflection, inquiring how linguistic and social factors act in the configuration of this variation. We follow the theoretical assumptions of Labovian sociolinguistics. Speech data from 36 interviewees were processed by the statistical program VARBRUL, Varb2000. Alves (1999), Alves (2008), Câmara Jr. (1999), Battisti and Vieira (2005), Lima and Azevedo (2013), Callou and Leite (1999), among others, constitute a

¹ Doutor em Educação. Mestre em Linguística. Docente da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá - Pará, Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE/UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (GPHLRA/UFPA). Bolsista Produtividade CNPQ. E-mail: doriedson@ufpa.br ORCID: 0000-0002-5120-2484.

theoretical review. We observed a greater probability of closed timbre, favored by female speakers, age group from 46 years old and above, education level with primary education, but with possible neutrality regarding the effect of the origin factor. Linguistically, closed timbre is more likely to occur in words with gender marked by the presence of the morpheme –a or its absence, to the detriment of gender marked by other linguistic strategies.

Keywords: *Gender bending. Pretonic Averages. Timbre variation.*

Introdução

Neste trabalho, apresentamos resultado de investigação sobre a variação das médias pretônicas /e/ e /o/, considerando-as a partir da flexão de gênero, no contexto do português falado na Amazônia, município de Cametá², Estado do Pará. Trata-se de pesquisa circunscrita a um amplo contexto investigativo em que buscamos compreender os modos de vida de povos e comunidades tradicionais, seus saberes e processos de formação e de produção da vida, considerando as contradições capital e trabalho. Nesse contexto também consideramos a realidade linguística, focando-a nesta exposição.

Nesse sentido, e sem adentrar em outras temáticas dessa perspectiva investigativa³, destacamos que um conjunto de pesquisas sobre o português falado em Cametá temos realizado⁴, a partir de uma abordagem variacionista de linha laboviana

² De acordo com Rodrigues e Castro (2022, p. 178): “Cametá é território onde vivem comunidades quilombolas, extrativistas, povos das águas e da floresta, populações urbanas, rurais, campesinas e ribeirinhas, tratando-se de município com mais de 380 anos, com uma população estimada em 137.890 habitantes, tendo a maior parte de seus habitantes vivendo na zona rural e em comunidades ribeirinhas [...]”.

³ Nos últimos anos, temos considerado, para além de questões linguísticas, temáticas investigativas sobre a produção de saberes, lutas de classe e formação de trabalhadores e trabalhadoras na Amazônia, no interior das contradições capital e trabalho, presentes em trabalhos como: Rodrigues (2012), Rodrigues (2022), Fischer e Rodrigues (2023), Rodrigues (2020), dentre outros.

⁴ Na introdução, apresentamos um conjunto de investigações em que estivemos na condução mais direta, a partir do Projeto de Pesquisa “A identidade dialetal do amazônida paraense da microrregião Cametá”, muito contribuindo para tanto o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, por meio do seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, que nos oportunizou a presença do bolsista Railton Araújo Oliveira, muito contribuindo para o desenvolvimento da presente investigação. Entretanto, outras investigações sobre o português falado no município de Cametá vinham também sendo realizadas por outros colegas pesquisadores, como os trabalhos de Costa e Cruz (2011), Costa (2010), Araújo e Machado (2012), dentre outros, a partir do projeto nacional intitulado “Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português do Brasil”, coordenado pelo Dr. Seung Hwa Lee (UFMG), estando no Pará sob a coordenação da Dra. Regina Cruz (UFPA).

(Labov, 1983; Tarallo, 1986), com os dados tratados pelo programa estatístico *Varbrul*^{5,7} (Scherre; Naro, 2003), como o realizado com o fenômeno linguístico objeto da presente exposição.

Tais investigações têm nos permitido compreender como homens e mulheres desse território⁸ amazônico se constituem pela linguagem, considerando variáveis linguísticas (fonético-fonológicas, morfológicas, suprasegmentais, dentre outras) e variáveis sociais (procedência (rural, urbano), escolaridade (analfabetos⁹, ensino fundamental, ensino médio), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos, 46 anos em diante) e sexo¹⁰ (masculino e feminino)), possibilitando discussões sobre lutas de classe e processos formativos integrados (Rodrigues, 2022; Batista, Rodrigues, 2022; Rodrigues, Silva, Rodrigues, Reis, 2018; Rodrigues, Reis, 2012), considerando a linguagem, a escolarização, a diversidade e os modos de vida de povos e comunidades tradicionais da Amazônia.

Nesse sentido, por exemplo, Rodrigues (2005) estudou a variação do alteamento /o/>/u/ em posição tônica no município de Cametá, constatando que articulações do tipo [fa.'lu] em desproveito de [fa.'lo], em referência a “falou”, são objeto de preconceito e

⁵ Neste trabalho não consideramos palavras em que o /e/ e /o/ tenham realizações com variantes altas. Focamos nossa investigação na questão do timbre aberto e fechado em correlação com questões de flexão de gênero. Foram selecionados grupos de forças com os dados para as análises considerando palavras masculinas ou femininas, ficando de lado, portanto, classes de palavras como verbos e advérbios. Ou seja, focamos nas palavras nominais, considerando principalmente substantivos e adjetivos que (i) tivessem o gênero feminino marcado pela presença da desinência –a, (ii) gênero masculino marcado pela ausência da desinência –a, (iii) gênero masculino marcado por determinante masculino, com alternância com feminino por meio de determinante feminino, (iv) gênero feminino marcado por determinante feminino, com alternância com masculino por meio de determinante masculino, (v) gênero essencialmente masculino, sem alternância com feminino por meio de determinante, (vi) gênero essencialmente feminino, sem alternância com masculino por meio de determinante. As análises incidiram sobre 209 dados, a partir dos quais obtivemos os pesos relativos e os percentuais que consubstanciam as reflexões aqui presentes.

⁶ Na presente análise, rodamos o *Varb2000*, um dos componentes do Programa *VARBRUL*, buscando-se obter os pesos relativos de todos os grupos de fatores. Ou seja, não optamos neste trabalho pela geração de pesos relativos que apontem, em separado, grupos de fatores eleitos pelo *step up* tampouco pelo *step down*, considerando que o *Varb2000* pode fornecer os resultados em termos de pesos relativos divididos em duas categorias: fatores com maior probabilidade de favorecer o fenômeno estudado, no *stepup*, e fatores com não probabilidade de favorecimento, no *stepdown*. Nossas análises visam dar uma totalidade da influência de todos os 18 grupos de fatores, linguísticos (14 grupos de fatores) e sociais (04 grupos de fatores), sobre a variável dependente em estudo, o timbre das médias pretônicas /e/ e /o/ e a questão da flexão de gênero.

⁷ Neste trabalho, consideramos 14 grupos de fatores linguísticos: (i) Tipo de sílaba; (ii) Natureza da flexão de gênero; (iii) Natureza morfológica do gênero; (iv) Altura da vogal da sílaba precedente; (v) Altura da vogal da sílaba seguinte; (vi) Natureza oral/nasal da vogal; (vii) Natureza do *onset* da sílaba com a vogal objeto; (viii) Flexão de número da palavra; (ix) Anterioridade/Posterioridade e abertura da vogal objeto; (x) Natureza de formação da palavra; (xi) Natureza do segmento seguinte à vogal objeto; (xii) Natureza da pretônica em relação à tônica; (xiii) Posição da palavra no sintagma; (xiv) Natureza nominal da palavra. Em termos sociais, foram 04 grupos de fatores: procedência (rural, urbano), escolaridade (analfabetos, ensino fundamental, ensino médio), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos, 46 anos em diante) e sexo (masculino e feminino).

⁸ Neste trabalho, entendemos *território* a partir de Oliveira (1994).

⁹ A categoria *analfabetos*, tomamos a partir dos estudos de Scherre e Naro (2003), embora a possibilidade de se criar oposição entre *analfabetos* e *semianalfabetos*, com base em estudos como o de Santos (2010, p. 113): “analfabetos: indivíduos sem contato com o letramento”, b) semi-analfabetos: indivíduos com pouco contato com o letramento”. Neste trabalho, não seguimos o realizado por Santos (2010), mas pontuamos que a categoria *analfabetos* considerou essas duas particularidades em sua constituição.

¹⁰ A categoria *sexo*, tomamos a partir dos estudos de Scherre e Naro (2003), reconhecendo a necessidade de maior aprofundamento teórico.

discriminação, constituindo-se marca linguística com maior probabilidade de ocorrência entre sujeitos de território rural, analfabetos, diminuindo à medida que se avança para o ensino fundamental e ensino médio, tratando-se de fenômeno de mudança em tempo aparente, em moldes labovianos, haja vista as gerações mais novas, tanto de território urbano como rural, inibirem sua realização, sendo mais favorecido por falantes da terceira faixa etária.

Não menos importantes estiveram os estudos sobre as vogais médias /e/ e /o/, a partir do português falado no município de Cametá, Pará, realizados por Rodrigues e Lobato (2012), investigando, em posição tônica, a variação de timbre (fechado/aberto) dessas vogais no interior de nomes de gênero feminino, Rodrigues e Reis (2011), tratando-as, em posição pretônica, a partir do fenômeno da elevação sem motivação aparente, Rodrigues e Araújo (2007), estudando-as, também em posição pretônica, no contexto do fenômeno da harmonização vocálica.

Ainda com foco no vocalismo presente no português falado no município de Cametá, tratamos da variação da nasalização vocálica pretônica seguida de consoante nasal na sílaba seguinte (Rodrigues; Reis, 2012), problematizando ainda o fenômeno do abaixamento dos clíticos [ê]<[i] e/ou [é]<[i] (Furtado¹¹, 2008).

Tais considerações evidenciam que a caracterização da variação das médias pretônicas /e/ e /o/, considerando-as no contexto da flexão de gênero, abordando-se o timbre *aberto/fechado*, decorre de um percurso investigativo voltado para a compreensão do português falado na Amazônia, a partir do município de Cametá, integrando-se a estudos sobre o vocalismo do Brasil e fornecendo elementos para se discutir a formação de trabalhadores e trabalhadoras, com base em outras hegemonias, para além das decorrentes do modo de produção capitalista.

Em termos metodológicos, destacamos a perspectiva sociolinguística variacionista de linha laboviana assumida, tratando os fenômenos linguísticos em correlação com a sociedade, a partir de dados estratificados socialmente (variáveis sexo, faixa etária, escolaridade e procedência), como o realizado nesta investigação, com 36 entrevistados(as), decorrentes de *corpus* de Rodrigues (2005).

Estruturalmente, apresentamos, numa primeira seção, as categorias médias pretônicas, timbre e a flexão de gênero para, numa segunda seção, expormos os resultados da investigação, considerando-as como aproximações analíticas iniciais, no sentido de potencializarem aprofundamentos, a partir de outros referenciais teóricos. Por fim, temos as considerações finais.

1. As médias pretônicas /e/ e /o/, a variação e a flexão de gênero

A presente investigação se insere no contexto dos estudos sobre o vocalismo português, em posição pretônica, com foco nas vogais médias /e/ e /o/ em correlação com a flexão de gênero, abordando a variação de timbre.

Para a categorização das médias pretônicas, consideramos, inicialmente, o disposto por Câmara Jr. (1999) para a posição tônica, com um quadro de sete vogais, discriminadas em /a/, /e/, /é/, /i/, /o/, /ó/, /u/. Ainda conforme esse autor, a elevação gradual da língua, seja na parte anterior ou posterior, classifica as vogais em altas (/u/, /i/), médias de 1º grau (/ó/, /é/) e de 2º grau (/o/, /e/), baixa (/a/); do ponto de vista

¹¹ Estivemos na orientação do presente trabalho

articulatório, são definidas como posteriores (/o/, /ó/, /u/), central (/a/) e anteriores (/e/, /é/, /i/).

A partir da posição tônica, o quadro das vogais sofre uma redução em decorrência da neutralização. Assim, em posição pretônica, as vogais médias de 1º (/ó/, /é/) e 2º graus (/o/, /e/) neutralizam-se, em prejuízo das vogais de 1º grau, havendo, por conseguinte, apenas cinco vogais, a saber: anterior, alta, não-arredondada /i/; posterior, alta, arredondada /u/; média, anterior, fechada /e/; média, posterior, fechada /o/; baixa, central /a/. Podendo ocorrer, contudo, alternância entre as vogais médias, havendo o:ó::u e e::é::i, conforme Battisti; Vieira (2005).

Sobre as vogais médias pretônicas, têm sido utilizadas para delimitar áreas regionais. Assim, os subfalares do norte seriam aqueles que neutralizariam em [ó] e [é] os contrastes [o] / [ó] e [e] / [é], respectivamente, enquanto os do sul neutralizariam em [o] e [e] (Nascentes¹², 1965). Callou; Leite (1999), entretanto, acreditam que o sistema vocálico pretônico carece de uma maior delimitação dialetal, com necessidade de monografias e atlas linguísticos das várias regiões do país que possam permitir traçar as linhas divisórias de cada fenômeno, o que também nos orienta no desenvolvimento da presente investigação.

Ainda para Callou; Leite (1999), as investigações sobre as médias pretônica têm demonstrado que a neutralização é variável, não se podendo chegar ainda a um traçado das isófonas contínuas, além do que, nessa posição, as médias são passíveis do processo de harmonização vocálica devido à presença da vogal anterior alta [i] na sílaba tônica, podendo também sofrer variação por influência de contextos subsequentes (Callou; Leite, 1999).

As pesquisadoras destacam também, ao descreverem alguns aspectos sobre as vogais médias pretônicas, a partir da fala culta do Rio de Janeiro, que fatores suprasegmentais (ritmo e velocidade da fala) podem ser, além dos relacionados no nível de segmentos ou de constituição da sílaba, condicionantes para a existência de variação de pronúncia nesse sistema.

A partir de considerações como essas, realizamos pesquisas sobre as médias pretônicas no português falado no município de Cametá, problematizando, por exemplo, a variação decorrente de harmonização vocálica (Rodrigues; Araújo, 2017) e também por elevação sem motivação aparente (Rodrigues; Reis, 2011), tratando-as agora, contudo, a partir da flexão de gênero, considerando a variação de timbre, correlacionando aspecto fonético-fonológico a questões de ordem morfológica¹³, de modo a definir e aprofundar os contextos linguísticos e sociais que estejam a determinar a variação dessas vogais, a partir do português falado na Amazônia, território do município de Cametá, Pará.

¹² O referido pesquisador dividiu o falar brasileiro em seis subfalares, reunidos em dois grupos: norte e sul. Os subfalares do norte englobariam o amazonense e o nordestino, enquanto os do sul compreenderiam o baiano, o fluminense, o sulista e o mineiro (SILVA NETO, 1977).

¹³ Analisamos como a variação de timbre das médias /e/ e /o/ em posição pretônica sofre influência do mecanismo de flexão nominal de gênero no português falado em Cametá. Buscamos compreender se essa variação teria maior probabilidade de se manifestar em palavras que apresentam a flexão de gênero por uma relação de oposição entre o morfema marcador de gênero feminino “-a” em contraste com sua ausência, ou morfema zero, indicador de masculino (CÂMARA JR, 1999), tal qual “menina” ~ “menino”, ou em palavras em que essa oposição não se realiza, já que o gênero estaria relacionado a vocábulos essencialmente masculinos e outros exclusivamente femininos, alguns marcados por determinante masculino e outros por determinante feminino, o que caracteriza esta pesquisa como de cunho morfo-fonológica.

Sobre a flexão de gênero, tomamos o disposto por Câmara Jr. (1999), para o qual uma forma masculina em Ø (não-marcado) encontra-se em relação de oposição a uma forma feminina -a (marcado). Considera-se, assim, o masculino como uma forma não marcada (sem flexão específica, portanto), em relação de oposição ao feminino, marcado por uma flexão em -a, sendo uma vogal temática o final das formas masculinas:

[...] o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (jarra é uma espécie de «jarro», barca um tipo especial de «barco», como urso é a fêmea do animal chamado urso, e menina uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como o de «menino»). (Câmara Jr, 1999, p. 88)

E acrescenta o autor:

A flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional -a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: lob (o) + a = loba; autor + a = autora. (Câmara Jr, 1999, p. 89)

Ainda em relação à flexão de gênero, entendemo-la, a partir de Câmara Jr. (1999, p. 91), como “[...] um traço redundante nos nomes substantivos portugueses.”, sendo que muitos substantivos, como salienta o autor, sequer a possuem, de modo que:

O que há são substantivos de tema em -a, em -o, em -e ou atemáticos, que possuem um gênero determinado implicitamente pelos adjetivos de tema em -o (estes sempre com a flexão de gênero pela oposição -a : -o + -a = -a), que, quando presentes, têm de ir para o gênero do substantivo que determinam. Assim, casa é feminino, porque se tem de dizer casa larga e poeta é masculino, porque a expressão correta é poeta maravilhoso. (Câmara Jr., 1999, p. 91)

Das considerações de Mattoso Câmara Jr. (1999), consideramos, para os propósitos deste trabalho, a síntese do gênero nominal do português, em termos descritivos:

- 1) Nomes substantivos de gênero único; ex.: (a) rosa, (a) flor, (a) tribo, (a) juriti, (o) planeta, (o) amor, (o) livro, (o) colibri.
- 2) Nomes de 2 gêneros sem flexão; ex.: (o, a) artista, (o, a) intérprete, (o, a) mártir.
- 3) Nomes substantivos de 2 gêneros, com uma flexão redundante; ex.: (o) lobo, (a) loba; (o)mestre, (a) mestra, (o) autor, (a) autora. (Câmara Jr., 1999, p. 92)

No que se refere à questão de timbre, decorrente da abertura bucal, entendemos como “[...] regra geral do sistema vocálico do latim ao português [...]” a perda do “[...] traço de breves ou longas [...]” das vogais, ficando, nas palavras de Lima; Azevedo (2013, p. 98), “[...] o traço do timbre (aberto ou fechado)”, a partir do que consideramos às vogais médias /ɛ/ e /ɔ/ (anterior e posterior, respectivamente) como abertas, dada a maior abertura do trato bucal, enquanto que as médias /e/ e /o/ (anterior e posterior, respectivamente) como fechadas, dada a menor abertura do trato bucal.

1.1 Estudos sobre as médias pretônicas /e/ e /o/ e a questão do timbre

Em termos de timbre sobre as médias /e/ e /o/, estudos têm se desenvolvido com maior intensidade em posição tônica, como o trabalho de Alves (1999), para a qual, nessa posição, tem se discutido a variação existente entre formas vocabulares distintas, no sentido de se compreender porque determinados vocábulos, nominais ou verbais, apresentam essas vogais com timbre aberto e outros com o timbre fechado, pautando-se as análises na observação de contextos intralinguísticos (Alves, 1999). Quanto aos resultados, Alves (1999) analisou 63 palavras, dentre as quais 40 apresentaram a variação das médias fechadas e abertas em posição tônica e apenas 23 não apresentaram essa variação.

Magalhães (1990, *apud* Alves, 1999, p. 59-60), analisando fenômenos de harmonia vocálica no interior da variação das médias em posição tônica nos nomes (substantivos e adjetivos), destaca que nesse contexto a variação decorreria do fato de que “[...] a última vogal do radical nos nomes é [-ATR]¹⁴, /ɛ/ e /ó/, na estrutura subjacente [...]”, de modo que a mudança de timbre dessas vogais decorreria da atuação da vogal da flexão de gênero, que propagaria “[...] seus elementos sobre a vogal do radical nas formas de masculino singular [...], não havendo tal ação “[...] nas formas de feminino singular [...]”, uma vez que a vogal final já seria [-ATR], no caso o /a/, e no caso de plural feminino a situação de sílaba pesada impediria a propagação.

Por essa reflexão, a forma [‘nô.vu] no masculino singular, embora tivesse na estrutura subjacente a média posterior aberta /ó/, teria a média posterior fechada na estrutura superficial por influência do segmento /u/, por ele entendido como marca de flexão de gênero. No plural, as formas masculinas não teriam essa propagação em decorrência do travamento silábico por meio do segmento /S/, restabelecendo-se a vogal da estrutura subjacente com o traço [-ATR], o /ó/ em [‘nô.vu/S/]. No feminino, o timbre da média seria aberto, [‘nó.va], por ser a vogal final /a/ já possuidora do traço [-ATR], como que estabelecendo uma simetria de traços entre essa última e a média da sílaba tônica.

Em termos de timbre das médias em posição pretônica seriam essas também as razões para explicar a variação no português falado em Cametá? Ou outros fatores, como *posição do vocábulo no grupo de força* e *posição da pretônica em relação à sílaba tônica*, dentre outras possibilidades, poderiam estar também contribuindo para

¹⁴ Por [-ATR], entende-se “um som produzido sem o avanço da raiz da língua” (ALVES, 1999, p. 55), no caso o timbre aberto das vogais /E/ e /O/.

explicar essa variação? Foram questões norteadoras como essas que também conduziram a investigação sobre as médias pretônicas em Cametá.

Entretanto, Alves (2008) também estudou a variação das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte, a partir da teoria da otimalidade, considerando a interferência de processos fonológicos, como harmonia vocálica e redução vocálica, na produção vocálica em apreço. Segundo a pesquisadora, a variação estaria relacionada mais restritamente a situações de harmonia vocálica do que a situações de redução vocálica, com o traço [aberto] contribuindo para a restrição em destaque.

Em Cametá, estudando a variação de timbre das médias em posição tônica nos nomes femininos, Rodrigues; Lobato (2012) verificaram que, de um modo geral, no português falado em Cametá há maior probabilidade de os falantes produzirem [‘gré.lha] e [‘pó.ça] para “grelha” e “poça”, respectivamente, com médias abertas, que [‘grê.lha] e [‘pô.ça], com médias com timbre fechado. As análises indicaram seis variáveis independentes eleitas pelo programa *VARBRUL*, a partir do *Varb2000*, para explicar a presença de timbre aberto das médias em exame, a saber: tipo de sílaba, altura da vogal da sílaba precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, natureza oral/nasal da vogal objeto, natureza do *onset* da sílaba com vogal objeto, natureza do segmento seguinte à vogal objeto, evidenciando que a presença de timbre aberto constituía-se resultado de fatores estritamente linguísticos.

Em termos de posição pretônica, indagamo-nos como fatores linguísticos e sociais atuam na configuração da variação das médias /e/ e /o/, no interior da flexão de gênero. Em termos morfológicos, interessou-nos analisar como a variação de timbre das médias /e/ e /o/ em posição pretônica sofre influência do mecanismo de flexão nominal de gênero no português falado em Cametá. Ou seja, se essa variação tem maior probabilidade de se manifestar em palavras que apresentam a flexão de gênero por uma relação de oposição entre o morfema marcador de feminino “-a” em contraste com sua ausência, ou morfema zero, indicador de masculino (Câmara Jr., 1999), tal qual “m_e.ni.na” ~ “m_e.ni.no”, ou em palavras em que essa oposição não se realiza, haja vista o gênero estar relacionado a vocábulos essencialmente masculinos e outros exclusivamente femininos. Trata-se, assim, de uma pesquisa de cunho morfofonológica.

2. A variação das médias pretônicas /e/ e /o/ e a flexão de gênero no português falado em Cametá-Pará

No português falado no município de Cametá, considerando a variação de timbre das médias pretônicas /e/ e /o/ em correlação com a flexão de gênero, observamos maior probabilidade de ocorrer o timbre fechado, dado o peso relativo de **0,87**, em desproveito do timbre aberto, com um baixo peso relativo de **0,14**, conforme Tabela 01 abaixo.

Tabela 01: Variantes da variável dependente

Grupo de Fatores	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Timbre aberto ([m _e .’ni.nu]; [m _o .’lé.ki])	75/209	36%	0,14

Timbre fechado ([mê.'ni.nu]; [mô.'lé.ki])	134/209	64%	0,87
---	---------	-----	-------------

Fonte: Produzido pelo autor.

Esse resultado evidencia o português falado em Cametá estando próximo aos falares do sul e sudeste do país, como já atestaram Rodrigues; Araujo (2007), tratando da harmonia vocálica nesse município, bem como o observado por Cruz; Teles (2003), quando do estudo sobre os clíticos no português falado pelos cametaenses, integrando-se ao também disposto por Freitas (2003), quando de seus estudos sobre as médias pretônicas.

Neste trabalho, nossas análises buscam explicitar como fatores linguísticos e sociais atuam na configuração da variante presença de timbre fechado nas médias pretônicas, considerando a flexão de gênero.

2.1 A atuação dos fatores linguísticos

Em termos linguísticos, o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/, no contexto de palavras nominais, considerando a flexão de gênero, ocorre com maior probabilidade em *silabas leves*, constituídas de *onset* e *núcleo* ou somente *núcleo*, como “mu.lê.'ca.da” para *molecada* e “pô.'tó.ca” para *potoca* ou “ô.'pa.co” para *opaco*, considerando o peso relativo de **0,87**, em desproposito de *silabas pesadas*, com peso relativo de **0,04**, quando tais sílabas possuem a *coda*, como “gós.'to.sa” para *gostosa* e “és.'có.la” para *escola*.

Tabela 02: O contexto silábico

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Sílabas leves ([mu.lê~é.'ka.dɐ]; [pô~ó.'tó.kɐ]; [ô~ó.'pa.ku])	0,87
Sílabas pesadas ([gô~ó.'tó.zɐ]; [ê~é.'kó.lɐ])	0,04

Fonte: Produzido pelo autor.

Observamos ainda que o fenômeno em estudo tem maior probabilidade de ocorrer em *palavras masculinas*, dado o peso relativo de **0,51**, decorrente do traço fechado da vogal temática –o, foneticamente [u] em alguns contextos socioculturais, em oposição a uma forma feminina de desinência em –a. Haveria, então, um caso de assimilação regressiva do traço fechado dessa vogal temática para as médias em estudo, como “mê.'ni.[nu]” para *menino* e “bô.'né.[cu]” para *boneco*. Em palavras femininas, há menor probabilidade de manifestação, dado o peso relativo de **0,48**.

Tabela 03: Natureza da flexão de gênero (palavras masculinas e palavras femininas)

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras masculinas ([mê~é.'ni.nu]; [bô~ó.'né.ku])	0,51
Palavras femininas ([mê~é.'ni.nɐ]; [bô~ó.'né.kɐ])	0,48

Fonte: Produzido pelo autor.

Essa perspectiva analítica é reforçada quando correlacionamos a variável independente *natureza da flexão de gênero* (palavras masculinas e palavras femininas) com a *natureza morfológica do gênero*, posto que palavras com o *gênero masculino marcado pela ausência de desinência –a* apresentou peso relativo de **0,71**. Ainda sobre a *natureza morfológica do gênero*, observamos que *palavras de gênero marcado pela*

presença da desinência –a, peso relativo de **0,79**, tendem também a favorecer o timbre fechado em estudo, mas numa perspectiva de assimetria em relação ao traço aberto da vogal /a/, marca de desinência de gênero, no sentido de manter fechadas as médias em oposição ao traço aberto dessa vogal, em um caso de dissimilação regressiva.

Tabela 04: Natureza morfológica do gênero

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Gênero masculino marcado pela ausência de desinência –a ([mê~é.'ni.nu]; [bô~ó.'né.ku])	0,71
Gênero feminino marcado pela presença da desinência –a ([mê~é.'ni.nɐ]; [bô~ó.'né.kɐ])	0,79
Gênero masculino marcado por determinante masculino, com alternância com feminino por meio de determinante feminino (O [ʒê~é.'rē.tʃi]; O [kô~ó.'lé.gɐ])	0,08
Gênero feminino marcado por determinante feminino, com alternância com masculino, por meio de determinante masculino (A [ʒê~é.'rē.tʃi]; A [kô~ó.'lé.gɐ])	0,15
Gênero essencialmente masculino, sem alternância com feminino por meio de determinante (O [kô~ó.'lé.ʒiu]; O [ê~é.'pê.ɫu])	0,31
Gênero essencialmente feminino, sem alternância com masculino por meio de determinante (A [dʒi.fi.kô~ó.'da.dʒi]; A [ka.tê~é.'ké.zi])	0,34

Fonte: Produzido pelo autor.

Contudo, palavras de (i) gênero masculino marcado por determinante masculino, com alternância com feminino por meio de determinante feminino, com peso relativo de **0,08**, bem como de (ii) gênero feminino marcado por determinante feminino, com alternância com masculino, por meio de determinante, com peso relativo de **0,15**, assim como de (iii) gênero essencialmente masculino, sem alternância com feminino por meio de determinante, com peso relativo de **0,31**, ou de (iv) gênero essencialmente feminino, sem alternância com masculino por meio de determinante, com peso relativo de **0,34**, tenderiam a desfavorecer a presença de timbre fechado das médias pretônicas.

Ou seja, palavras em que a marcação de gênero é realizada por determinante ou por palavras específicas para cada gênero agiriam desfavoravelmente, tratando-se de fenômeno condicionado linguisticamente por palavras que apresentem a desinência –a, indicadora de feminino, e em palavras que apresentem a vogal temática –o [u], pelo contraste com palavras femininas de desinência em –a.

Por outro lado, quando observamos a variável independente *altura da vogal da sílaba precedente*, verificamos que sílabas com uma vogal alta anterior (aí amalgamados¹⁵ os fatores vogal alta posterior, vogal média posterior fechada e vogal média anterior fechada) tendem a favorecer o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/, haja vista o peso relativo de **0,99**. A esse respeito, entendemos que o traço *fechado dessas vogais* condicione esse timbre, a partir de um processo de assimilação prospectiva, em que o traço fechado das vogais da sílaba precedente seria transferido para as médias em exame.

¹⁵ Por amalgamações, entendemos a necessidade de agrupar fatores que não apresentam variação, considerando-se que o Programa VARBRUL não trabalha com fenômenos não variáveis. Tal procedimento busca amalgamar fatores, considerando relações de identidade fonético-fonológica, morfológica ou sintática entre os mesmos.

Tabela 05: Altura da vogal da sílaba precedente

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Sílabas com uma vogal alta anterior (amalgamados os fatores vogal alta posterior, vogal média posterior fechada e vogal média anterior fechada) ([i.nê~é.'dʒi.nɐ]; [u.pê~é. ra.'sãu]; [ô.pê~é. ra.'sãu]; [é.nê~é.' dʒi.nɐ])	0,99
Vogal baixa central ([a.bê~éf.'ta.dɐ])	0,12
Vogal média posterior aberta ([ó.pê~é.ra.'sãu])	0,15
Vogal média anterior aberta ([é.nê~é.'dʒi.nɐ])	0,14
Ausência de vogal em sílaba precedente ([mê~é.'ni.nu]; [bô~ó.'né.ku])	0,49

Fonte: Produzido pelo autor.

Contudo, o traço aberto ou semiaberto presente em sílaba precedente a partir de uma vogal baixa central, com peso relativo **0,12**, vogal média posterior aberta, peso relativo de **0,15**, ou vogal média anterior aberta, com peso relativo **0,14**, inibiria o timbre fechado das médias, em que o traço +aberto implicaria o seu oposto, o traço +fechado. A ausência de vogal em sílaba precedente, com peso relativo **0,49**, também desfavorece o timbre fechado.

Desses expostos sobre a *altura da vogal da sílaba precedente*, com base em Malmberg (1954), para o qual a elevação gradual da língua permite categorizar o /i/ e o /u/ como vogais fechadas por apresentarem a língua elevada, enquanto que o /a/ é aberto em decorrência de a língua encontrar-se em posição baixa, entendemos que os segmentos vocálicos pretônicos mais próximos das altas tenderiam a se comportarem como semifechadas (/ê/ e /ô/), enquanto que os segmentos vocálicos pretônicos mais próximos do /a/ constituir-se-iam segmentos vocálicos semiabertos (/é/ e /ó/).

No que se refere ao timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ em correlação à *altura da vogal da sílaba seguinte*, observamos que há maior probabilidade de ocorrer em palavras em que, na sílaba seguinte, haja uma vogal média posterior fechada, com peso relativo de **0,76**, ou uma vogal alta anterior, com peso relativo **0,58**.

Tabela 06: Altura da vogal da sílaba seguinte

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Vogal média posterior fechada ([kô~ó.mô.dʒi.'da.dʒi])	0,76
Vogal alta anterior ([é.nê~é.'dʒi.nɐ])	0,58
Vogal alta posterior ([dê~é.pu.'ta.du])	0,41
Vogal baixa central ([a.bê~éf.'ta.dɐ])	0,55
Vogal média anterior aberta ([kô~óf.'mé.tʃi.ku])	0,27
Vogal média anterior fechada ([dê~éf.'trê.zɐ])	0,44

Fonte: Produzido pelo autor.

Nesse contexto, o traço fechado dessas vogais pode explicar esse favorecimento por meio de um processo de assimilação regressiva, quando o traço fechado da vogal da sílaba seguinte seria assimilado pelas vogais da sílaba anterior, as médias pretônicas /e/ e /o/. Todavia, quanto à vogal alta anterior, postulamos que, além do traço +fechado, esteja a influir também o traço +anterior, de modo a conduzir o timbre fechado das médias pretônicas em exame.

Essa explicação se justifica porque a vogal alta posterior, com peso relativo de **0,41**, desfavorece o fenômeno em exame, não em decorrência do traço + fechado, também nela presente, mas em virtude do traço +posterior bloqueando o timbre fechado das médias aqui estudadas.

Nossos dados também evidenciaram que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/, considerando a flexão de gênero, é favorecido por uma vogal baixa central, com peso relativo **0,55**, em sílaba seguinte, aí ocorrendo um processo de assimetria na articulação das médias em estudo, com timbre fechado, em relação ao estrato mais aberto da baixa central.

Observamos ainda que, havendo na sílaba seguinte uma vogal média anterior aberta, com peso relativo **0,27**, ou uma vogal média anterior fechada, com peso relativo **0,44**, o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ tende a ser realizado com menor probabilidade. Por outro lado, considerando a contradição entre a média posterior fechada em sílaba seguinte favorecer o fenômeno em exame e a média anterior fechada desfavorecê-lo, entendemos que o traço anterioridade presente nesta última inibiria as vogais em estudo com o timbre fechado, enquanto que a junção do traço +fechado com o traço posterioridade da média posterior fechada tenderia a favorecer o timbre fechado estudado nesta pesquisa. No mais, destacamos que, a partir das entrevistas realizadas, não encontramos ocorrências de palavras em que, na sílaba seguinte, houvesse uma vogal média posterior aberta.

Quanto à variável independente *natureza oral/nasal da vogal objeto*, observamos que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ ocorre com maior probabilidade em sílabas de natureza oral, quanto à vogal objeto, haja vista o peso relativo de **0,55**. Em termos analíticos, inferimos que isso decorra por uma necessidade fonético-pragmática, buscando-se a articulação fechada para se opor, em termos de sonoridade, à abertura prototípica de contextos orais, aumentando a audibilidade das articulações na relação de comunicação ouvinte-falante.

Tabela 07: Natureza oral/nasal da vogal objeto

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Sílabas de natureza oral ([bô~ô.ˈné.ku])	0,55
Sílabas de natureza nasal ([bõ.ˈné.ku])	0,31

Fonte: Produzido pelo autor.

Essa perspectiva explicativa se articula com o fato de sílaba nasais, dada a vogal objeto nasal, favorecerem, por oposição aos contextos orais, o timbre aberto das médias em exame, como a manter uma assimetria na articulação, de modo a concorrer para uma maior audibilidade nesse contexto, no plano comunicacional. Em nossas análises, pois, sílabas de natureza nasal, dada a vogal nasal, com peso relativo **0,31** desfavoreceram o timbre fechado das médias sob análise.

Quando observamos a variável independente *natureza do onset da sílaba com a vogal objeto*, constatamos a maior probabilidade de o timbre fechado ocorrer em *onset* vazio, com peso relativo de **0,73**, *onset* ramificado, com peso relativo **0,62**, *onset* coronal, com peso relativo **0,56**. Por outro lado, palavras com *onset* labial, com peso relativo **0,49**, *onset* dorsal, aí amalgamado o fator palatal, com peso relativo de **0,13**, tendem a desfavorecer a realização do fenômeno em análise. Destaque-se que palavras que possuem *onset* fricativo não foram observadas nos dados.

Tabela 08: Natureza do onset da sílaba com a vogal objeto

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Onset vazio (([ê~é.nê.ˈdʒi.nɛ]))	0,73
Onset ramificado ([prê~é.ˈtʃi.pu])	0,62

Onset coronal ([nõ~ó.ʹki.nɛ])	0,56
Onset labial ([mê~é.ʹni.nu])	0,49
Onset dorsal (amalgamado o fator palatal) ([kê~é.ʹrên.sie];[pa.ãê~é.ʹtʃi.nɛ])	0,13

Fonte: Produzido pelo autor.

Quanto ao favorecimento do *onset* ramificado, tradicionalmente conhecido como encontro consonantal, inferimos que decorra da natureza fonética fechada do trato bucal em que se dão as produções articulatórias tanto das coronais como das consoantes primeiras e segundas consoantes dos *onsets* ramificados. Com efeito, por exemplo, ao se produzir um /b/ e um /r/ de um encontro consonantal (em conjunto, pois somente uma produção de *onset* com labial, onde há estreitamento também do trato bucal, não é suficiente para engatilhar o timbre fechado das médias, haja vista o peso relativo baixo observado para esse tipo de *onset*) ou um /r/ de *onset* somente com esse elemento, há um estreitamento do trato bucal similar ao estreitamento do trato bucal observado na produção do timbre fechado. Ou seja, esse estreitamento do trato bucal dos *onsets* elencados pelo Programa *VARBRUL* estaria sendo o condicionante para a produção fechada das médias em exame.

Por outro lado, havendo *onset* vazio, onde se encontra a vogal objeto de estudo, há maior probabilidade de timbre fechado, possivelmente em decorrência da necessidade de, por meio do fechamento das médias em exame, manter-se maior audibilidade que um timbre aberto. Entretanto, carece tal hipótese de uma investigação focada em aspectos de uma fonética auditiva, não tomada, neste trabalho, como elemento teórico.

No que se refere à variável independente *flexão de número da palavra*, observamos maior probabilidade de o timbre fechado ocorrer em palavras que estão no plural, haja vista o peso relativo **0,62**, em desproveito das palavras que se encontrem no singular, com peso relativo de **0,48**. A partir desse contexto, entendemos que palavras nominais no singular tendem a desfavorecer o timbre fechado das médias em exame possivelmente em decorrência de nesse contexto ocorrer a ausência de um morfema de plural impedindo-lhe o travamento final de sílaba, enquanto que palavras no plural haveria esse travamento, com a introdução de um morfema de plural, favorecendo o timbre fechado dessas médias. Ou seja, o timbre fechado das médias em exame estaria sendo favorecido pelo travamento final de palavras no plural, em decorrência da introdução de um morfema indicado de número plural.

Tabela 09: Flexão de número da palavra

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras no plural ([mê~é.ʹni.nu]; [bô~ó.ʹné.ku])	0,62
Palavras no singular ([mê~é.ʹni.nu]; [bô~ó.ʹné.ku])	0,48

Fonte: Produzido pelo autor.

A variável independente *anterioridade/posterioridade e abertura da vogal objeto*, por outro lado, mostrou-nos que há maior probabilidade de manifestação do timbre fechado das médias pretônicas em palavras cuja vogal objeto seja uma média anterior fechada, dado o peso relativo de **0,83**, vindo em segundo lugar as palavras cuja vogal objeto seja uma média posterior fechada, com peso relativo de **0,57**. Os fatores do grupo vogal média anterior aberta, tendo peso relativo **0,17**, e vogal média posterior aberta, que obteve o peso relativo **0,26**, tenderam a desfavorecer o fenômeno em exame.

Tabela 10: Anterioridade/posterioridade e abertura da vogal objeto

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Vogal objeto – média anterior fechada ([mê.ˈni.nu])	0,83
Vogal objeto – uma média posterior fechada ([bô.ˈné.ku])	0,57
Vogal objeto – vogal média anterior aberta ([mé.ˈni.nu];)	0,17
Vogal objeto – vogal média posterior aberta ([bô.ˈné.ku])	0,26

Fonte: Produzido pelo autor.

Nossas análises apontam que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ nos nomes, considerando a flexão de gênero, ocorre com maior probabilidade na média anterior, diminuindo essa probabilidade quando a média é uma posterior. Tal realidade linguística pode estar se realizando em decorrência de na média anterior haver maior estreitamento do trato bucal, quando articulada, favorecendo, assim, a sua maior produtividade fechada, enquanto que na média posterior esse estreitamento tende a ocorrer com um arredondamento dos lábios, que tende a *alargar* esse estreitamento, diminuindo-lhe a produtividade da média posterior.

No que se refere à variável independente *natureza da formação da palavra*, constatamos que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ ocorre com probabilidade mediana tanto em palavras derivadas, haja vista seu peso relativo **0,51**, como em palavras de natureza primitiva, com peso relativo **0,50**, numa configuração de *neutralidade* em termos de probabilidade sociolinguística.

Tabela 11: Natureza da formação da palavra

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras derivadas ([mê~é.ˈni.nu.ˈzi.ɲu]; [bô~ô.ˈné.ki.ɲu])	0,51
Palavras primitivas ([mê~é.ˈni.nu]; [bô~ô.ˈné.ku])	0,50

Fonte: Produzido pelo autor.

Quando observamos a variável independente *natureza do segmento seguinte à vogal objeto*, percebemos que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ ocorre com maior probabilidade nas palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma fricativa, haja vista seu peso relativo de **0,99**, uma labial, peso relativo **0,51**, ou uma coronal, peso relativo de **0,78**.

Tabela 12: Natureza do segmento seguinte à vogal objeto

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma fricativa ([pê~é.ˈfa.dɛ])	0,99
Palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma labial ([sê~é.ˈbô.lɛ])	0,51
Palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma coronal ([bô~ô.ˈné.ku])	0,78
Palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma estrutura ramificada ([pê~é.ˈdra.dɛ])	0,28

Palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma dorsal (amalgamado com o segmento palatal) ([nô-ô.'ki.nɐ]; [ô-ô.'(a.du)])	0,19
---	------

Fonte: Produzido pelo autor.

O segmento seguinte à vogal objeto sendo uma estrutura ramificada, com peso relativo de **0,28**, ou dorsal, aí amalgamado com o segmento palatal, tendem a desfavorecer o fenômeno em estudo, haja vista o peso relativo de **0,28** para a estrutura ramificada e de **0,19** para o segmento dorsal, aí amalgamado o fator palatal. Destaque-se que não foram encontradas palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto fosse uma vogal.

Nossas análises indicam que a natureza fonética do estreitamento do trato bucal quando da produção de uma labial, de uma coronal e de uma fricativa em posição seguinte à vogal objeto seja o condicionante para a presença do timbre fechado das médias em exame, na classe dos nomes. Ou seja, haveria nesse contexto uma assimilação regressiva do estreitamento do trato bucal, previsto na articulação dessas consoantes, em direção às médias em exame, provocando-lhes o timbre fechado, onde também ocorre um estreitamento do trato bucal, diferentemente do timbre aberto, quando o trato bucal tende a ampliar-se.

A variável independente *natureza da pretônica em relação à tônica* demonstrou que o timbre fechado ocorre com maior probabilidade quando a pretônica encontra-se bastante distante em relação à sílaba tônica, considerando o alto peso relativo de **0,93**, para o fator não contíguo 2, aí amalgamado o fator não contíguo n, quando a pretônica encontra-se duas ou mais sílabas distantes da tônica. Por outro lado, quando as médias pretônicas /e/ e /o/ encontram-se bem próximas da tônica, ou seja, contiguamente, ou havendo apenas uma sílaba entre a pretônica e a tônica, temos uma tendência uma inibição da regra de timbre fechado dessas médias, considerando o baixo peso relativo de **0,48** para o fator contíguo e **0,46** para o fator não contíguo 1.

Tabela 13: Natureza da pretônica em relação à tônica

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Fator não contíguo 2, amalgamado o fator não contíguo n ([mê/é.ni.na.'zĩ.nɐ]; [bô/ô.né.ka.'zĩ.nɐ]; [kô/ô.mu.ni.da.dʒi.'zĩ.nɐ]; [mê/é.ni.na.da.'zĩ.nɐ])	0,93
Fator contíguo ([bô/ô.'né.ka]; [mê/é.'nĩ.nu])	0,48
Fator não contíguo 1 ([kô/ô.la.'dʒĩ.nɐ]; [mê/é.nĩ.'na.dɐ])	0,46

Fonte: Produzido pelo autor.

Nossas análises indicam que quanto mais a pretônica estiver em posição átona, ou seja, mais distante em relação à tônica, maior probabilidade haverá para a realização do timbre fechado das mesmas no falar cametaense. Trata-se de um fenômeno intensificado pela maior atonicidade presente nas pretônicas quando mais distantes em relação à posição da sílaba tônica.

A variável independente *posição da palavra no sintagma* demonstrou que o timbre fechado é de maior probabilidade de ocorrência em palavras que não estejam em posição de sujeito no sintagma verbal, haja vista seu peso relativo **0,62**, em desproveito das palavras que estejam em posição de sujeito no sintagma nominal, com peso relativo **0,37**.

Tabela 14: Posição da palavra no sintagma

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras que não estejam em posição de sujeito no sintagma verbal (Comprei uma [bô/ô. 'né.ka]; Comprei um [kô/ô. 'lé.ʒiu])	0,62
Palavras que estejam em posição de sujeito no sintagma nominal (A [bô/ô. 'né.ka] caiu; O [mê/é. 'nĩ.nu] caiu)	0,37

Fonte: Produzido pelo autor.

Com efeito, portanto, o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ em palavras nominais é de maior probabilidade de ocorrência em contexto sintagmático onde os nomes estejam em função de núcleo nominal de complemento verbal, como objetos, ou junto a complementos desse núcleo verbal, tal qual pode ocorrer com numerais, em contextos como “Deu *um bolo ao sêgundo mênino*”, que em função nominal de sujeito, onde também os nomes podem ser núcleo ou determinantes desse núcleo, como em “*O sêgundo mênino* chegou cedo”.

Por fim, quanto à variável independente *natureza nominal da palavra*, o timbre fechado das médias /e/ e /o/ ocorre com menos probabilidade em palavras que são substantivos e adjetivos, haja vista baixo peso relativo para os substantivos, **0,48**, e para os adjetivos, **0,42**, havendo maior probabilidade de ocorrência em palavras aqui consideradas como *outros* (numerais e pronomes, por exemplo), haja vista o alto peso relativo de **0,74**.

Tabela 15: Natureza nominal da palavra

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Palavras que são substantivos (O [mê/é. 'nĩ.nu]; O [bô/ô. 'né.ku])	0,48
Palavras que são adjetivos (O menino [pê/é. 'la.du]; A boneca [ô/ór.gu. 'ló.zɛ])	0,42
Palavras consideradas como <i>outros</i> ([tê/ér. 'sei.ru]; [kô/ô. 'mi.gu])	0,74

Fonte: Produzido pelo autor.

Com efeito, dado o baixo peso relativo para os substantivos, entendemos que não se trata de fenômeno focado no centro de um sintagma nominal, mas num determinante que não seja adjetivo (haja vista também o baixo peso relativo para esse determinante), mas em determinante numeral, por exemplo, como em *O sêgundo menino*.

2.2 A atuação dos fatores sociais

Do ponto de vista social, o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/, considerando a flexão de gênero, ocorre com maior probabilidade a partir do fator feminino, haja vista o peso relativo **0,60**, em desproveito do fator masculino, com peso relativo **0,42**.

Partindo-se da tese de que as mulheres tem sido atribuído, por força do patriarcado estrutural, um caráter conservador na valorização de aspectos culturais, aí incluídos os linguísticos, no sentido de as mesmas buscarem formas mais de prestígio social, dado o patriarcado, entendemos que o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ talvez se constitua fenômeno que, entre as mulheres, venha ganhando valorização positiva, ao passo que entre os homens esteja se constituindo objeto de possível estigma

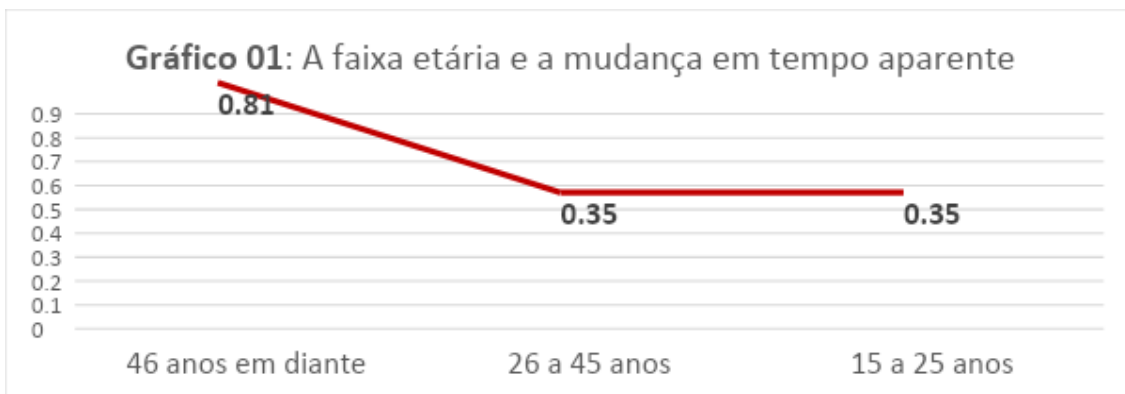
social, no sentido de o evitarem usar com maior probabilidade em suas interações, considerando o disposto por Paiva (2003).

Mas também entendemos, a partir de Paiva (2003), que do cruzamento da variável gênero/sexo com outras variáveis, como classe social, idade, estilo de fala, dentre outras, “[...] podem emergir padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade das correlações entre uso de variantes linguísticas e o gênero/sexo do falante” (Paiva, 2003, p. 37). Essa possibilidade pode ser comprovada, contudo, por meio de um estudo das redes de relações sociais¹⁶ dos sujeitos entrevistados pela pesquisa, o que, no momento, não fora objeto de investigação.

Quanto à questão da faixa etária, evidenciamos que a probabilidade de maior ocorrência do timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/ ocorra na fala de sujeitos de 46 anos ou mais de idade, haja vista o peso relativo **0,81**, em desproveito dos falantes que possuem entre 15 e 25 anos e os que possuem entre 26 a 45 anos, dado que obtiveram o mesmo peso relativo, **0,35**.

Quanto ao baixo peso relativo para a primeira e segunda faixas etárias, é possível que seus falantes estejam envolvidos em rede de relações sociais (Bortoni-Ricardo, 2005) onde o timbre fechado não seja objeto de valoração positiva, havendo necessidade, entretanto, de se ampliar a pesquisa para, metodologicamente, observarmos a rede de relações sociais que permeiam as interações dos(as) informantes.

Outra questão a se considerar é o fato de o timbre fechado das médias pretônicas /e/ e /o/, quanto à flexão de gênero, configurar-se como mudança em tempo aparente (LABOV, 1983), considerando que as gerações mais novas não acompanham a produção linguageira com a mesma probabilidade que as gerações mais antigas.

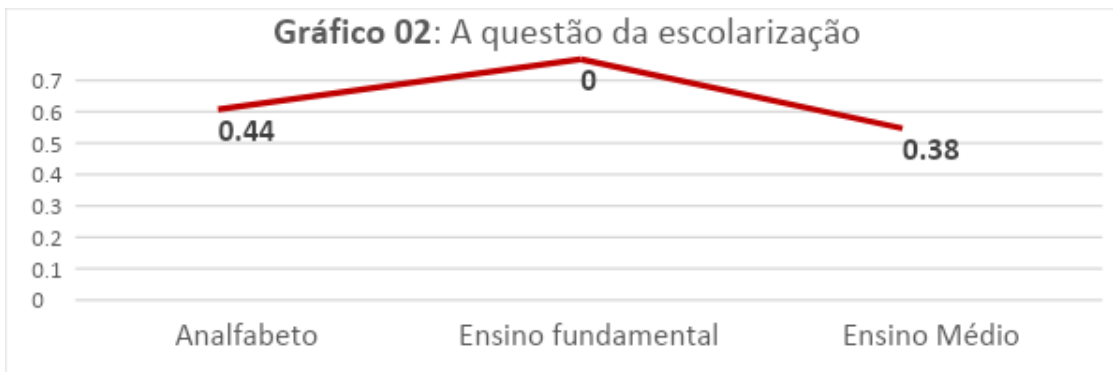


Fonte: Produzido pelo autor.

No que se refere à *escolaridade*, observamos o favorecimento do timbre fechado das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, na classe nominal, quanto à questão de gênero, ocorrendo com maior probabilidade entre sujeitos que possuem ensino fundamental,

¹⁶ Bortoni-Ricardo (2005, p. 85), analisando “A contribuição da análise de redes ao ensino da língua materna”, destaca a possibilidade de se observar o uso de variantes linguísticas a partir do conceito de rede (*networks*). Assim, determinados usos linguísticos estariam mais ligados a determinados grupos e não a outros porque os primeiros, muito mais que os últimos, manteriam relações sociais muito mais próximas, mantendo vínculos de identidade cultural, de coerção social. Segundo a autora, “Quando as redes apresentam uma ‘tessitura densa’, isto é, quando há um alto grau de densidade, seus membros atingem grande consenso normativo e exercem consistente pressão informal uns sobre os outros visando à conformação às normas consensuais. Por outro lado, quando a rede apresenta ‘tessitura frouxa’, há maior probabilidade de ocorrer uma variação nas normas”.

haja vista o peso relativo de **0,60**, em desproveito dos que são analfabetos, com peso relativo **0,44**, e os que possuem ensino médio, com peso relativo de **0,38**.



Fonte: Produzido pelo autor.

Rodrigues; Araújo (2007) salientam em seu estudo sobre as médias pretônicas /e/ e /o/, tratando de harmonização vocálica, bem como Rodrigues (2005), que a escola, não raro, busca orientar processos de articulação linguística que se aproximem do viés da escrita ortográfica, em um seguir a pretensa máxima “de que se fala como se escreve”.

Nessa perspectiva, é possível que falantes do ensino fundamental estejam a produzir com maior probabilidade o timbre fechado das médias em exame por orientação de uma maior pressão social da escola no sentido de se falar como se escreve, dotando-as de valoração positiva em termos de uso, sendo importante, quanto a essa última, abordá-la a partir do fator rede de relações sociais, principalmente quando se considera que, no município de Cametá, articulações abertas das vogais médias /e/ e /o/ sofrem preconceito, em produções do tipo “qué tá?” para *que tal?*, conforme Rodrigues (2003).

Quanto ao fator social *procedência*, observamos o peso relativo de **0,50** tanto para território urbano como rural, indicador de *neutralidade*, em moldes sociolinguísticos de linha variacionista, o que pode sugerir que o timbre fechado das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ não seja marca de preconceito linguístico-social em termos territoriais.

Considerações finais

No português falado no município de Cametá há maior probabilidade de ocorrer o timbre fechado nas médias pretônicas /e/ e /o/ em correlação com a questão da flexão de gênero, aproximando essa variedade, em termos de timbre, aos falares do sul do país, como também atestaram Rodrigues; Araújo (2007), tratando da harmonia vocálica, com base em Nascentes (1965).

Linguisticamente, o timbre fechado das médias em exame, em correlação com questão de gênero gramatical, é favorecido por (i) sílabas leves, constituídas de somente *onset* e núcleo, havendo um impedimento quando tais sílabas possuem, além dos outros dois elementos, a coda, (ii) palavras masculinas, (iii) palavras cujo gênero seja marcado pela presença do morfema *-a* ou sua ausência, em desproveito de gênero marcado por outras estratégias linguísticas, (iv) palavras em cuja sílaba precedendo a vogal objeto

haja os fatores (a) vogal alta posterior, (b) vogal média posterior fechada e (c) vogal média anterior fechada, que foram amalgamados no (d) fator vogal alta anterior, (v) palavras em cuja sílaba seguinte à vogal objeto haja uma vogal baixa central, uma alta anterior ou uma média posterior fechada.

Também observamos o favorecimento, com maior probabilidade, por (vi) palavras em que a vogal objeto esteja em uma sílaba oral, (vii) palavras em que o *onset* em que esteja a vogal objeto seja vazio, ramificado ou coronal, (viii) palavras no plural, (ix) palavras que tenham uma vogal média anterior favorecendo o timbre fechado, vindo em segundo lugar palavras em que a média pretônica seja posterior, (x) palavras tanto primitivas como derivadas, dada a proximidade dos pesos relativos de proximidade mediana, (xi) palavras em que o segmento seguinte à vogal objeto seja uma labial, coronal ou fricativo, (xii) palavras em que entre a pretônica em relação à tônica haja duas ou mais sílabas, (xiii) situações sintagmáticas em que as palavras com as médias pretônicas em análise estejam em sintagmas verbais, (xiv) situações em que as palavras não sejam substantivas tampouco adjetivas, mas outras, como numerais.

No que se refere à atuação dos fatores sociais na configuração da variável dependente, os dados mostram que o timbre fechado das médias em exame é favorecido com maior probabilidade por falantes femininos, falantes da terceira faixa etária, falantes de escolaridade com ensino fundamental. Quanto à questão da procedência dos falantes, território urbano ou rural, os dados se mostraram em probabilidade considerada como de *neutralidade*, em termos de resultados sociolinguísticos, embora consideremos que nesses dois territórios o fenômeno em análise não se configure objeto de preconceito.

Pedagogicamente, os resultados do presente trabalho podem ser utilizados, para além de se conhecer aspectos da diversidade linguística brasileira, contribuindo para a definição de políticas sociolinguísticas no país, para a construção de atividade pedagógicas em que se correlacione o ensino da ortografia, por exemplo, a partir das condições de uso fonético-fonológico dos falantes presentes no interior da Amazônia paraense, no contexto dos falantes do português falado em Cametá, principalmente em uma situação de educação que busca compreender e ajudar a definição de uma formação que leve em consideração os saberes dos trabalhadores na configuração curricular, aí incluídos os saberes languageiros, como elemento de identidade, sem que isso signifique negar outras formas de saberes, mas potencializar os elementos que também legitimam uma consciência de classe entre os trabalhadores (Rodrigues 2020).

Referências

ALVES, Marlúcia Maria. As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras: UFMG, Belo Horizonte, 1999.

ALVES, Marlúcia Maria. As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de belo horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade. 2008. 341 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Fonologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BATISTA, Gleno S.; RODRIGUES, Doriedson S. A interface linguagem/trabalho, integração e formação de trabalhadores(as): as práticas pedagógicas no Sistema de Organização Modular de Ensino [SOME]. Revista Latino-Americana de Estudos Científico - RELAEC, v. 03, p. 001-029, 2022.

BATTISTI, Elisa & VIEIRA, Maria José Blaskovski. O Sistema Vocálico do Português. In: BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CÂMARA Jr., J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Iniciação à Fonética e à Fonologia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CRUZ, Deorilene da Silva Cruz; TELES, Rozane do Socorro Araújo. Construções Clíticas No Falar Cametaense: uma abordagem variacionista a partir do programa estatístico Varbrul. Cametá-Pará: UFPA, 2003 (Trabalho de Conclusão de Curso).

COSTA, Raquel Maria da Silva; CRUZ, Regina Célia Fernandes. Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /O/ e /E/ no português falado no município de Cametá-PA In: RODRIGUES, Doriedson do Socorro; LOPES, Jorge Domingues (Orgs.) Língua, literatura e outras linguagens: sujeitos, objetos e ensino na Amazônia. Cametá-PA: Campus Cametá-UFPA, Curso de Letras, 2011.

COSTA, Raquel Maria da Silva; CAMPOS, Benedita do Socorro; ARAÚJO, Marivelson Praseres de; MACHADO, Leomax Cardoso. O sistema vocálico do português falado nos municípios de Mocajuba e Cametá (PA): Análise acústica. In:

OLIVEIRA, José Pedro Garcia Oliveira; RODRIGUES, Doriedson S.; SILVA, João Batista do Carmo; MENDS, Odete da Cruz (ORGs.). Educação, Ciência e Desenvolvimento da Amazônia Tocantina. Cametá, PA: UFPA/Campus Universitário do Tocantins/Cametá, 2012.

COSTA, Raquel Maria da Silva. Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá-PA. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Belém/Pará, UFPA, 2010.

FISCHER, Maria Clara Bueno; RODRIGUES, Doriedson. Relações Seres Humanos-Natureza: Trabalho, Cultura e Produção de Saberes. Revista Trabalho Necessário, v. 21, p. 01-25, 2023.

FURTADO, Maria Jocélia Oliveira. O abaixamento [e]<[i] e/ou [E]<[i] nos clíticos no português falado no município de Cametá/NE do Pará – uma abordagem variacionista. Belém: PIBIC/UFPA, 2008. (PIBIC/UFPA - Relatório Técnico-Científico – Final).

FREITAS, Simone. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do norte do Brasil. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). *Estudos Geo-Sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003.

LABOV, William. Modelos sociolingüísticos. Traducción José Miguel Marinas. Madrid: Cátedra, 1983.

LIMA, Flágila Marinho da Silva; AZEVEDO, Illa Pires. Vocalismo: uma breve abordagem no português do Brasil. In: Revista Pandora Brasil - Nº 52. Março de 2013. "Português brasileiro: algumas histórias".

MALMBERG, Bertil. A fonética. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MAGALHÃES, José Olímpio de. Une étude de certains processus de la phonologie portugaise dans le cadre de la Théorie du Charme et du Gouvernement. 1990. 322 f. Tese (Doutorado em Philosophia) – Faculté des Études Supérieures, Université de Montréal, Montreal, 1990.

NASCENTES, Antenor. O Idioma Nacional. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965, 5ª ed.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Geografia e território: desenvolvimento e contradições na agricultura. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA

AGRÁRIA, 12.º, Águas de São Pedro, SP. Mesas Redondas. Rio Claro: IGCE, 1994.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variação gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia;

BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAÚJO, Marivana dos Prazeres. As vogais médias pretônicas / e / e / o / no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista. Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro. Porto Alegre, v. 3, p. 104-126, nov. 2007.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. Marcadores Conversacionais: um estudo sobre os marcadores "Parente" e "-Qué tá? - Tá bom" no município de Cametá/Pa. Cametá-Pará: Coleção Novo Tempo Cabano, 2003, vol. II.

RODRIGUES, Doriedson do S.; RODRIGUES, M. I. B. A materialidade histórico-lingueira dos sujeitos: para uma reflexão sobre a formação do trabalhador na Amazônia. In: PEREIRA, Edir Augusto Dias; NUNES, F. A. (Orgs.). Encontros de História e Educação: pesquisa Social, Histórica e Política em Educação. 1ed. Brasília: EDITORA KIRON, 2012, v. 1, p. 151-174.

RODRIGUES, Doriedson. A Integração Saberes e Conhecimentos Escolares em Processos Formativos de Trabalhadoras e Trabalhadores em/a partir do contexto amazônico paraense. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 7, p. 164-179, 2020.

RODRIGUES, Doriedson do S.; SILVA, Gilmar Pereira da; RODRIGUES, M. I. B.; REIS, G. S. C. Luta de Classe e as relações entre linguagem, escola e sujeitos na/da Amazônia. In: Andrea Silva Domingues; Benedita Celeste de Moraes Pinto; Doriedson do Socorro Rodrigues; Gilcilene Dias da Costa; José Valdinei Albuquerque Miranda. (Org.). *Linguagens e Resistências*. 001ed. Cametá: Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, 2018, v. 001, p. 163-184.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; LOBATO, Rosiane de Cristo. O vocalismo no português falado em Cametá (PA): a questão do timbre das médias em posição tônica no interior de nomes do gênero feminino. In: OLIVEIRA, José Pedro Garcia Oliveira; RODRIGUES, Doriedson S.; SILVA, João Batista do Carmo; MENDES, Odete da Cruz (Orgs.). *Educação, Ciência e Desenvolvimento da Amazônia Tocantina*. Cametá, PA: UFPA/Campus Universitário do Tocantins/Cametá, 2012.

RODRIGUES, Doriedson. Linguagem, escola e diversidade: para uma discussão sobre processos formativos integrados. In: Jorge Domingues Lopes; Raquel Maria da Silva Costa Furtado. (Org.). *Linguagem e Ensino na Amazônia: a formação de professores de Letras*. Cametá-Pará: CUNTINS/UFPA/FAL, 2022, v. 001, p. 207-225.

RODRIGUES, D. S.; CASTRO, O. L. Martins de. Tecnologias de produção da vida: saberes do trabalho da pesca em comunidades ribeirinhas. In: ALVES, A.E.S.; TIRIBA, L. (org.). *Cios da terra: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo*. Uberlândia, MG: Navegando, 2022.

RODRIGUES, Doriedson; REIS, Giussany Socorro Campos dos. Nasalização vocálica pretônica seguida de consoante nasal na sílaba seguinte: variação no português falado no município de Cametá – Pará. In: *Vogais além de Belo Horizonte [recurso eletrônico]* / organizador: Seung Hwa Lee. – Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; REIS, Giussany Socorro Campos dos. A variação sem motivação aparente das médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá – Pará. Cametá, UFPA: PROPESP/PIBIC, 2011 (Relatório de Pesquisa).

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Saberes Sociais e Luta de Classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 – Cametá-Pa*. Belém: PPGED/ICED/UFPA, 2012 (Tese de Doutorado).

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pretônica: alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/ Ne paraense - uma abordagem variacionista*. Belém – Pará, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará.

SANTOS, Lanuza Lima. A ordem verbo-sujeito: uma análise sociolinguística da fala popular do interior do estado da Bahia. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Presença, 1977, 4^a ed.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. A. A Pesquisa sociolinguística. São Paulo, Ática, 1986.